

**Rodrigo Francisco Barbosa<sup>1</sup>**

Da “λέξις” dos estoicos como “som articulado”, passando pelo “λέξεως” de Herodiano de Alexandria até as definições técnicas contemporâneas de “léxico”, a amplitude do vórtice semântico de especialização que a noção de um “léxico filosófico” apresenta produz inestimáveis contribuições para os diversos campos de estudo. Uma dessas contribuições é a edição para o português do “Léxico de Nietzsche” de 2014 organizado por Christian Niemeyer. Na esteira do anterior “Léxico de Platão” publicado pela mesma editora em 2012, essa edição traduzida a dez mãos reflete o comprometimento dos pesquisadores brasileiros de dispor os leitores do português brasileiro aos materiais importantes da pesquisa internacional sobre Friedrich Nietzsche.

Nesse sentido, mesmo que a dimensão de um “léxico filosófico” suscitasse, num primeiro momento, a ideia de “vontade de sistema” aos olhos de Nietzsche, essa possível objeção perde força ao observarmos o âmbito pedagógico do *Léxico* organizado por Niemeyer: uma suposta *sistematicidade* permite tanto pensar a sugestão do filósofo em *Ecce homo* de que seriam “necessárias instituições”, “cátedras”, por exemplo, para “a interpretação do Zarathustra” (EH Porque escrevo tão bons livros 1), quanto permite, fundamentalmente, mobilizar o trabalho da pesquisa internacional sobre Nietzsche em, por um lado, “evitar” a atitude de leitores “soldados saqueadores”, bem como, por outro lado, reagir “a história editorial francamente catastrófica de falsificações e adulterações” (p. 08). Ou seja, há, como mencionado, uma “finalidade propriamente pedagógica” na elaboração do *Léxico* (p. 15).

Assim, tal *sistematicidade* é, aqui, uma multifacetada ferramenta para a interpretação do pensamento de Nietzsche: ao longo de suas 686 páginas, das quais 34 descrevendo bibliografia, o *Léxico* traz um total de 421 verbetes desenvolvidos a partir de um trabalho colaborativo que reúne 142 autores e autoras de 21 países; Com o auxílio do *índice remissivo* dos verbetes ao final e descrição *autor-verbetes*, o *Léxico* reflete o âmbito de planejamento de ser um trabalho em que “deveriam ser convidados os melhores – jovens ou não, já

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade do Paraná. Curitiba, PR, Brasil. E-mail: semcentro@gmail.com

reconhecidos ou não, filósofos, teólogas, juristas, médicas, germanistas, romanistas, sociólogos, psicólogas, pedagogas, químicos, etc.” (p. 08).

Concebido em 2008, o *Léxico* se propõe a “por um termo” a questões enfrentadas já pelos teóricos da pesquisa internacional no que diz respeito a “imagem de Nietzsche como filósofo da Primeira Guerra Mundial” (p. 13) desenvolvida por meio da atitude daqueles mencionados “soldados saqueadores” no quadro geral da “história editorial” *catastrófica* que a obra do filósofo recebe. Nesse sentido, o objetivo fundamental do *Léxico* é “esclarecer os mais importantes conteúdos que se encontram no pensamento de Nietzsche, na forma de artigos panorâmicos” (p. 08) que inclui uma divisão por rubricas tais como “Obras, Conteúdos”, “Palavras de ordem”, “Pessoas/fontes”, “Pessoas/contemporâneos”, “Pessoas/influência” e finalmente, “Lugares” (p. 08). Essa característica concede ao *Léxico* a consequência imediata de representar, por meio desses “artigos panorâmicos” algo como “o resumo do estado atual da pesquisa internacional” (p. 08) a partir de todo o suporte que o “‘ano Nietzsche’ em 2000” fornece por meio de ferramentas como “o volume IX da KGW, publicado em agosto de 2001” bem como um conjunto de materiais de consulta publicados entre 2000 e 2008 (p. 08) então utilizados. Dentro desse âmbito pedagógico do *Léxico* que a *sistematicidade* fornece, é lícito elencar ao acaso algumas dessas rubricas no intuito de exemplificar ao leitor a riqueza e complexidade pela qual este material explora seus verbetes.

*Obras/conteúdos*: As duas noções que formam estas e todas as outras rubricas são extensas, ramificadas e amplamente exploradas no *Léxico*. No que se refere ao conjunto das “obras” há uma minuciosa discussão tanto em relação aos textos publicados de Nietzsche e seus *adendos*, quanto textos da época da Basileia, textos inacabados e não publicados e ainda, prefácios a livros que o filósofo nunca escreveu. Nesse sentido, o leitor pode conferir essas subdivisões, respectivamente, a partir de verbetes como “AC: O Anticristo” amplamente discutido por Andreas Urs-Sommer (p. 25-28) e o verbete “DD: Ditirambos de Dioniso” explicitado por Wolfram Groddeck (p. 139-140); verbetes como “SGT: Sócrates e a tragédia grega” (p. 516-17) e “Homero e a filologia clássica” (p. 285-86) ambos trabalhos por Enrico Müller e “BA: Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino” delineado por Christian Niemeyer (p. 68-70); o verbete para o inacabado texto “WL: Sobre verdade e mentira no sentido extramoral” debatido por Hans-Gerd von Seggern (p. 590-91) bem como o verbete “PHG: A filosofia na época trágica dos gregos” desenvolvido por Matthew Mayer (p. 444-46); e ainda, o verbete para os prefácios esquadrihados por Enrico Müller “CV: Cinco prefácios para cinco livros não escritos” (p. 133-34). Além dessa discussão sobre o material

que enquadra os textos amplamente conhecidos de Nietzsche para o leitor não especializado, há um conjunto de verbetes muito importantes que revelam toda a problemática filológica e o status dos textos de Nietzsche desde as falsificações iniciais: são esses os verbetes, especialmente, “Falsificações da obra” (p. 201-05) e “Falsificações das cartas” (p. 205-09) ambos detalhados por Christian Niemeyer (p. 201-05), os verbetes “Arquivo-Nietzsche” (p. 59-61) e “Edição Colli/Montinari” ambos desenvolvidos por David Marc Hoffmann (p. 162), o verbete “Enxertos-Koegel” ainda detalhado por David Marc Hoffmann (p. 174-75), bem como, aqueles ligados à *rubrica* “pessoas”, isto é, o verbete “EFN-Föster-Nietzsche, Elisabeth” trabalhado por Carol Diethel (p. 166-67), “Karl Schlechta” escrutinado por Giuliano Campioni (p. 509-10), e o verbete “Podach, Erich Friedrich” também elaborado por David Marc Hoffmann (p. 450).

Acerca dos “conteúdos”, em linhas gerais, o leitor encontra no *Léxico de conceitos clássicos* como os verbetes “Além-do-homem” (por Christian Niemeyer, p. 37-40), “Apolíneo/Dionisíaco” (por Erwin Hufnagel, p. 56-57), “Espíritos livres/ O espírito livre” (por Vivetta Vivarelli, p. 183-84), “Eterno Retorno” (quase 6 páginas por Christian Niemeyer, p. 191-96), “Niilismo” (por Gerard Visser, p. 405-7), “Perspectivismo” (por Jakob Dellinger, p. 441-43) e “Vontade de poder” (por Stephen Günzel, p. 574-75), a conceitos menores como “Mar” (por Sasan Seyfi, p. 360-63), “Paradoxo” (por Werner Stegmaier, p. 434-35) “Signo” (por Benjamin Biebuyck, p. 517-18) etc, passando pela específica diferenciação de “Consciência” e “Consciência moral” como são os verbetes explicitados, respectivamente, por Josef Simon (p. 108-10) e Richard Schacht (p. 110-12), e ainda as sutis diferenciações das noções de “Corpo (Körper)” e “Corpo (Leib)” ambos explicitados por Karen Joisten (p. 113-14). Apenas para ilustrar brevemente por meio das primeiras páginas do *Léxico*, enquanto no verbete “Aberração”, elaborado por Roberto Sanchiño Martínez, encontramos uma concisa definição relacionada a “crítica” do jovem Nietzsche da “política cultural e educacional da época da fundação do Estado alemão” (p. 23) e ainda num sentido de crítica “histórico-cultural” relacionada aos gregos, por outro lado, no subsequente verbete “Abreviação” observamos uma tripla distinção didática realizada por Martin Stingelin no intuito de apresentar o verbete como “conceito-chave para as consequências da crítica da linguagem segundo Nietzsche” (p. 24). Ainda aqui, dedicando quase três páginas ao verbete “Além-do-homem” (p. 37-40) Christian Niemeyer reitera, inicialmente, o desgaste a que o conceito foi submetido na “história da recepção” que *atou* “o interesse dos intérpretes de uma forma totalmente especial” (p. 37). Posteriormente, Niemeyer salienta que “Nietzsche emprega o

vocábulo somente em Za”, isto é, em *Assim falou Zaratustra*, e com isso, o intérprete descortina a temática que perpassa essa obra e incide na *Genealogia da Moral* no âmbito de assinalar como se tratava “apenas de um programa de investigação que não foi mais levado a cabo por Nietzsche” (p. 38-39). Desse modo, Niemeyer ao salientar os problemas da recepção do conceito, aprofundar a discussão sobre o emprego do vocábulo em Nietzsche e seus desdobramentos temáticos, apresenta uma conclusão que desautoriza a interpretação do conceito “como opção supostamente anti-humanitária” (p. 40): “trata-se da consolidação da liberdade do homem (“nobre”) com relação ao ressentimento, liberto da representação de Deus e regulador de si mesmo em sua moral e, portanto, em seu agir.” (p. 39). É dessa maneira que a diversidade de abordagens e modos de exposição que esse exemplo inicial mostra parece uma das características mais interessantes do *Léxico*, especialmente, no que se refere ao que o leitor encontra acerca dos “conteúdos”.

*Palavras de ordem:* Três desses verbetes nos parecem ser suficiente para ilustrar o que o leitor encontrará ao longo do *Léxico* a esse respeito. O primeiro verbete é “Deus está morto” explicitado por Daniel Havemann (p. 147-48). Aqui, após apresentar a força dessa frase “no imaginário geral” como radicalização do questionamento da existência de Deus nos “desenvolvimentos da modernidade” apontada por Nietzsche na “parábola” do “louco” na *Gaia Ciência* aforismo 125, Havemann salienta o fato de Nietzsche não ter sido o primeiro a se referir a “morte de Deus” uma vez que, ambos, Hegel e Jean Paul, já o teriam feito (p. 147). Com isso, Havemann destaca a artimanha de Nietzsche com a metáfora que enquanto “habilidosa temática” permite “uma datação fundamental do moderno”. Para o intérprete, tanto “Za é atravessado” pelo tema, quanto “também varia a questão por meio da parábola de ‘Os prisioneiros’ (AS 84)”. Delineando tal artimanha de Nietzsche, Havemann salienta “a intenção” do filósofo de “indicar” *os efeitos* do “fenômeno” da “morte de Deus” que, mesmo já se tratando de um *fenômeno* “conhecido”, ele não aparece como “algo compreendido”. Nesse sentido, poderíamos compreender a ênfase de Nietzsche “ao lado do caráter libertador” e do “caráter ameaçador dessa mensagem” endereçada, segundo o intérprete, a “uma determinada representação de Deus que se tornou implausível”. Esse aspecto conduz a exposição de Havemann à percepção de que “falar de Deus de modo não moral é, com isso, uma tarefa que Nietzsche lega a todos os outros discursos sobre Deus” (p. 148). O segundo verbete aqui exemplificado é “Nada é verdadeiro, tudo é permitido” elaborado por Christian Niemeyer (p. 393-94). Nele, Niemeyer procede da seguinte maneira: primeiro apresenta o lema e seu aparente contexto (GM III 24); posteriormente caracteriza o que ele chama de

“interpretações heterogêneas” elaboradas sob o lema que, conforme salienta, “na verdade, [é] apenas uma citação” feita por Nietzsche na *Genealogia da Moral* (III 24) e não um “lema” forte como querem as diversas recepções (p. 393); finalmente, explicita as ocorrências específicas (ZA IV e GM III 24) interpretando-as de modo a, efetivamente, realizar o papel pedagógico do *Léxico* acerca do propósito acima mencionado de “evitar” a atitude de *leitores-intérpretes* “soldados saqueadores” a partir de um “mau uso” do texto de Nietzsche (p. 394). Por fim, o último verbete aqui exemplificado é “Tornai-vos duros” esquadrinhado por Michael Skowron (p. 541-42). Semelhante ao desenvolvimento da exposição de Niemeyer do verbete anterior, embora mais sucinta, a exposição desse verbete consiste basicamente em três passos: a) apresentar o contexto da expressão (ZA III De velhas e novas tábuas 29); b) situar as apropriações da recepção no século XX que *instrumentalizaram* a expressão “como chavão grosseiro” e “retiram a expressão do contexto narrativo de Za” e, finalmente; c) desvincular tais apropriações apresentando as nuances a que a expressão está ligada tanto no *Zaratustra* como no *Crepúsculo dos Ídolos* em que Nietzsche republica o parágrafo de *Zaratustra* sob o título de “O martelo fala” (p. 542).

*Pessoas/fontes/contemporâneas/influências*: Como já mencionado, todas as rubricas do *Léxico*, especialmente as relacionadas a noção de “pessoas” são extensas, ramificadas e amplamente exploradas. Assim, o leitor pode encontrar subdivisões implícitas para os verbetes que vão de “pessoas” relacionadas aos *filósofos clássicos* como, por exemplo, o verbete “Heráclito” (por Georges Goedert, p. 266-67), “Platão” (por Thomas Brobjer, p. 446-49), “Pascal, Blaise” (por Vivetta Vivarelli, p. 435-36) e “Montaigne, Michel Eyquem de” (por Vivetta Vivarelli, p. 377-78), bem como, verbetes referentes a *clássicos da literatura* como, por exemplo, “Hölderlin, Johann Christian Friedrich” (por Vivetta Vivarelli, p. 282), “Goethe, Johann Wolfgang von” (por Hans-Gerd von Seggern, p. 250-51), e “Emerson, Ralph Waldo” (por Vivetta Vivarelli p. 173-74), apenas para citar alguns. Por outro lado, o leitor ainda pode encontrar verbetes relacionados aos *pensadores contemporâneos* como, por exemplo, “Bourget, Paul” (por Giuliano Campioni, p. 86-87), “Brandes, Georg” (por Per Dahl, p. 87-88), “Burckhardt, Jacob (Christoph)” (por Enrico Müller, p. 90-91), “Dühring, Eugen” (por Aldo Venturelli, p. 159-60), “Strindberg, (Johann) August” (por Heinrich Detering, p. 532-33), e “Tönnies, Ferdinand” (por Hubert Treiber, p. 541), em que o trabalho específico das “fontes” é fundamental. Ainda aqui, o leitor encontra os amigos próximos de Nietzsche como nos verbetes “Köselitz, Heinrich”, o amigo músico apelidado de “Peter Gast” por Nietzsche, (por David Marc Hoffmann, p. 328), “Deussen, Paul” (por Wolfert von

Rahmen, p. 148), “Meysenbug, Malwida von” (por Jacques Le Rider, p. 374), “Overbeck, Franz” (por Andreas Urs Sommer, p. 422-24), “Rée, Paul” (por Hubert Treiber, p. 489), “Rohde, Erwin” (por Johann-Christoph Emmelius, p. 502) e “Salomé, Lou von” (por Thomas Pfeiffer, p. 506-7). Nesse sentido, especificamente, o leitor encontra os verbetes que descrevem o *casal Wagner* em “Wagner, Cosima” e “Wagner, (Wilhelm) Richard” (ambos explicitados por Martine Prange p. 577-82) e, ainda, os *nomes* do interior da própria família de Nietzsche a partir de um aspecto biográfico-crítico como nos verbetes “Nietzsche, Carl Ludwig” (por Eva Marsal, p. 397-98), “Nietzsche, Franziska” (por Christian Neimayer, p. 398-400) e o próprio filósofo “Nietzsche, Friedrich (Wilhelm)” (por Christian Neimayer p. 400-4). Sem entrar nos detalhes conceituais, a quantidade de nomes ligados a alguma relação de fonte de Nietzsche, como acima mencionados, revela a riqueza e amplitude do *Léxico* ao apresentar os entrecruzamentos das relações de fonte e recepção tão importantes para a interpretação do pensamento do filósofo alemão. Junto à rubrica “pessoas”, o leitor também encontra um conjunto de verbetes que permite compreender, diferente da relação *fontes-Nietzsche* descrita acima e que remete a uma conexão com o *passado-presente dos textos*, a relação de “influência” que os autores posteriores a Nietzsche sofreram: aqui, é da relação *Nietzsche-futuro dos textos* que a influência dos autores é demarcada. Assim, temos por exemplo, os verbetes “Benjamin, Walter” (por Detlev Schöttker, p. 76) passando por “Benn, Gottfried” (por Thoman Körber, p. 76-77), “Camus, Albert” (por Maurice Weyembergh, p. 93-94), “Deleuze, Gilles” (por Paul Patton, p. 143), “Derrida, Jacques” (por Stephan Günzel, p. 145-46) e “Dostoiévski, Fiódor M.” (por Adrian Del Caro, p. 155-56) apenas para mencionar os primeiros da lista. Nesse sentido, autores importantes da história da filosofia são escrutinados nas específicas abordagens do *Léxico* de modo que a relação *fonte-influência* do pensamento de Nietzsche apareça sempre renovada.

*Lugares:* Ao pensar Nietzsche a partir de suas *andanças*, nada mais justo do que a ocorrência da rubrica “lugares” no *Léxico*. É assim que o leitor consegue ter uma ampla dimensão dessas andanças de Nietzsche, seja pelo carácter biográfico-crítico dos verbetes, seja pelo escrutínio contido nas discussões. Desse modo, do verbete “Röcken” (por Ralf Eichberg, p. 501) como *local de nascimento e sepulcro* de Nietzsche, o leitor pode reconstruir o percurso das andanças do filósofo passando por verbetes como “Naumburg” (por Martin Pernet p. 396), “Schulpforta” (por Thomas Brobjer, p. 512-13), “Tribshen” (por Christoph Landerer, p. 552-53), as “três semanas” com Lou Salomé em “Tautenburg” (por Hans Gerald Hödl p. 536) e os “cinco invernos em sequência” vividos em “Nice” (por Thomas Pfeiffer, p.

396-97), por exemplo. Todavia, enquanto pelo verbete “Turim” explicitado por Pia Daniela Schmücker (p. 554-55), o leitor é alçado a ver um Nietzsche que se sente “como príncipe” e leva a cabo em 1888 nessa localidade a elaboração de “seis obras” (p. 554), por outro lado, pelo verbete “Veneza” escrutinado por Hans Gerald Hödl (p. 556-57) o leitor é lançado a observar “o alto valor simbólico [da cidade] em seus escritos”(p. 557); Por fim, por meio do verbete “Sils-Maria” delineado por Peter André Bloch (p. 519-20) o leitor pode compreender a importância dessa localidade atribuída ao “nascimento do Zaratustra” (p. 519).

Nenhuma dessas tentativas aqui descritas sobre as divisões por rubricas permitem ao leitor compreender a riqueza e complexidade do amplo trabalho realizado em todo o *Léxico*. Vale lembrar que esse trabalho minucioso, orquestrado no original por Christian Niemeyer, teve o projeto de tradução coordenado pelo também tradutor prof. Dr. Ernani Chaves. Assim, o *Léxico* é traduzido para o português brasileiro a muitas mãos num trabalho em conjunto que reflete uma preocupação imediata com o leitor final: Ernani Chaves, André Muniz Garcia, Fernando Barros, Jorge Luiz Viesenteiner e William Matioli são os pesquisadores que traduzem esse trabalho. Por fim, o *Léxico* é material indispensável tanto para leituras iniciais de acesso ao pensamento de Nietzsche, quanto para leituras especializadas de um leitor bem treinado e conhecedor da pesquisa internacional. Em última instância, como múltipla ferramenta de trabalho, o *Léxico* é fundamental para ampliar o horizonte do leitor no que se refere a pesquisa internacional Nietzsche.